



XXII CONCURSO BDArte

A CIDADE E A ARTE

A Cidade Ideal (c. 1480-1484)
Pintura atribuída a
Bartolomeo di Giovanni Corradini,
conhecido como Fra Carnevale
(c. 1401/25 - 1484)

Representa os valores de uma sociedade bem ordenada, em que a arquitetura é a metáfora do bom governo. A luz põe em evidência um espaço citadino com reduzida atividade humana, circunscrito por cinco construções. Ao fundo, um arco triunfal lembra o de Constantino, em Roma, e o seu posicionamento central destaca a importância da liderança militar e da defesa. O anfiteatro sugere o Coliseu de Roma, e poderá ser uma referência à importância do entretenimento no bem-estar da comunidade. O edifício octogonal é a única construção não especificamente romana, e a sua forma parece inspirar-se na do Batistério de Florença (cidade onde Fra Carnevale também trabalhou), símbolo da crença cristã na vida eterna e do poder purificador atribuído ao batismo, e cujos oito lados representam o octava dies, o oitavo dia ou o tempo da Ascensão de Cristo. Destacam-se dois edifícios da época. O da esquerda, idêntico aos palácios florentinos dos Médici de meados do séc. XV, é passível de simbolizar um estrato social dominante e o exercício do poder político e a governação. O da direita pode também ser considerado uma construção institucional, com arcos e telas. Ao fundo entreveem-se outras edificações da época, uma delas um armazém. Posicionadas nos vértices de um retângulo, quatro esculturas alegóricas personificam a importância da Virtude e dos valores na vida da Cidade: a Justiça, associada à espada e à balança; a Moderação, com um jarro de água para diluir o vinho, suavizando-o; a Liberalidade, com uma cornucópia, símbolo da abundância, da prosperidade e da felicidade; e com uma coluna, a Coragem ou capacidade de agir apesar do medo, do temor e da intimidação. No centro desse retângulo é também visível a figura alada, em bronze, de uma entidade mitológica colocada no topo da fonte. Associava-se o fornecimento de água de boa qualidade a um valor fundamental: o da Generosidade. A pintura atribuída a Fra Carnevale evidencia a visão renascentista da Cidade Ideal, que o humanismo, o racionalismo, o individualismo, o antropocentrismo, o classicismo, o universalismo e as referências artísticas da Antiguidade clássica inspiraram. Valorizava a harmonia, a proporção, o equilíbrio e a beleza. Um percurso que remonta a Hipódamo de Mileto (498 a.C. - 408 a.C.), filósofo, matemático, médico, meteorologista e arquiteto grego criador do conceito de racionalização do espaço, de planeamento urbano concebido como explicitação e materialização da ideia de ordem social racional.

Este desejo ancestral de uma urbe perfeita está presente na República de Platão (428/427 - 348/347 a.C.), na Cidade de Deus de Santo Agostinho (354 - 430), e na Utopia (de Thomas More (1478-1535). Significa "não lugar", lugar inexistente mas cuja existência é desejável. Um projeto de Estado perfeito também surge na Cidade do Sol (1602), de Tommaso Campanella (1568-1639) e na Nova Atlântida (1626),

obra incompleta de Francis Bacon (1561-1626). No séc. XVIII François Gracchus Babeuf (1760-1797) redigiu o Manifesto dos Iguais. Inspirou socialistas do séc. XIX por salientar a distância entre a igualdade formal, subjacente aos ideais da revolução francesa (liberdade, igualdade, fraternidade), e a (des)igualdade real existente. As ideias de Louis-Auguste Blanqui (1805-1881) adepto da ação violenta armada, influenciaram a tentativa de concretização, em 1871, de outro plano de cidade ideal: a Comuna de Paris.

Karl Marx (1819-1883) e Friedrich Engels (1820-1895) deram um sentido pejorativo ao(s) socialismo(s) de Saint-Simon (1760-1825), Robert Owen (1771-1858), Charles Fourier (1772-1837), Pierre-Joseph Proudhon (1809-1865), e Louis Blanc (1811-1882). Consideraram-nos ingénios, fantasiosos e irrealizáveis - utópicos -, e defenderam o denominado socialismo científico, que influenciou a revolução russa de 1917. As sociedades europeias nela inspiradas começaram a desmoronar-se com a queda do Muro de Berlim (1989).

Surgirão novos modelos? É muito provável. Outro conceito, o de paraíso terrestre oculto, é abordado no romance de James Hilton (1900-1954) Horizonte Perdido (1933). Descreve Shangri-La, um lugar maravilhoso e de acesso quase impossível, no Tibete, onde a saúde, a harmonia, a felicidade e a beleza natural preponderam e o tempo decorre lentamente. Quem lá conseguia entrar era muito bem recebido, mas sair era impossível. Diferente, equacionável e na ordem do dia, é o registo ecológico. Nas Cidades-jardins de Amanhã (1898), Ebenezer Howard (1850-1928) concebera já uma cidade utópica em que a vida humana decorria em harmonia com a natureza.

Sublinhe-se, aqui, não o desejo-valor de Cidade/Sociedade Ideal, sino mlendar que persiste, mas a ideia de Cidade. Não necessariamente ideal, "perfeita", mas melhor. Com o imprescindível contributo da Arte, indissociável de uma dimensão teórico-prática fundamental: a do Desenho. No Culto da Arte em Portugal (1896) Ramalho Ortigão (1836-1915) considerou-o a "base de todo o ensino escolar e de toda a educação (...)". A fonte de todos os conhecimentos humanos é a observação. "E, numa d'As Farpas, escreveu: "Pedi-mos, pois, que o ensino do desenho preceda todo e qualquer ensino, não o desenho de formas abstratas, mas sim o (...) dos objetos mais familiares à criança, que ela vê todos os dias, que todos os dias pode comparar." O desenho é prioritário porque educa a observação. Há 140 anos que a EASR valoriza e fomenta esta modalidade do pensar e do fazer. O seu projeto de ensino ajuda a construir - com o contributo da Arte - uma Cidade Melhor. O que agora importa é recorrer aos códigos artísticos da 9.ª Arte - a BD -, e desenhá-la história sobre a possibilidade da Arte tomar mais bem sucedida e gratificante a nossa existência nas cidades em que vivemos.